

Para Andima, PIB cairá 1,4% em 99

Vera Saveedra Durão, Lívia Ferrari e Sílvio

Ribas
do Rio e Florianópolis

A Associação Nacional das Instituições de Mercado Aberto (Andima) trabalha com uma estimativa de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) de apenas 0,6% em 1998 e de uma taxa negativa de 1,4% no ano que vem. As projeções indicam um cenário um pouco recessivo, mas com melhoria das contas externas, queda dos juros e manutenção do atual ritmo de desvalorização cambial.

A Andima calcula que a balança comercial fechará 98 com déficit de US\$ 5,8 bilhões e alcançará resultado positivo de US\$ 400 milhões em 99. A conta de transações correntes do balanço de pagamentos deverá apontar déficit equivalente a 4,2% do PIB neste ano e déficit menor, de 3,4% do PIB, em 1999. Para as reservas cambiais, a projeção é de que elas fechem 98 em US\$ 41,9 bilhões e permaneçam em US\$ 41,8 bilhões no próximo ano. Os investimentos diretos devem bater em US\$ 22,3 bilhões neste ano e ficar em US\$ 17,4 bilhões em 1999.

Apesar do cenário recessivo, a

Andima estima melhoria nas contas públicas, que devem ter resultado primário próximo de zero neste ano e superavitário de 2,1% do PIB em 1999. Para o déficit nominal, as projeções são de 7,6% em 98, recuando para 5,5% em 99. A relação dívida líquida do setor público/PIB deve evoluir de 39,5% para 43,7%.

Para a inflação, os cálculos da Andima são de que o Índice de Preços ao Consumidor (IPC) da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe/USP) encerrará 98 com deflação de 0,6%, mas apontará variação positiva de 2% em 99. O Índice Geral de Preços do Mercado (IGP-M) da Fundação Getúlio Vargas deverá mostrar taxas positivas de 2,3% e 3,4%, respectivamente.

Para a Andima, a desvalorização cambial em 98 será de 7,8%, podendo chegar a 10,4% em 1999, com reajustes médios no câmbio de 0,7% ao mês. A taxa nominal de juros Selic, depois de encerrar 98 em 28,4%, deve cair para 21,5% em 99.

Em palestra realizada ontem na Federação das Indústrias de Santa Catarina (Fiesc), o ex-ministro da Fazenda, Maílson da Nóbrega, e o ex-presidente do Banco Central,

Gustavo Loyola, também apresentaram cenários prováveis para o Brasil e a economia mundial nos próximos três anos. Eles classificaram 1999 como um ano "de transição", no qual os recursos "preventivos" emprestados pelo FMI, BIS, BID e Bird irão garantir a implementação das mudanças previstas pelo próprio acordo e diminuirão a importância dos capitais voláteis.

Para Maílson, o acordo assinado com o FMI foi o melhor dentre todos antes firmados pelo País e encerra a fase mais difícil da crise financeira. "As condições institucionais e macroeconômicas oferecidas pelo governo são mais favoráveis que as do passado e, como um dos 28 fundadores desse clube, o País está apenas exigindo um direito de sócio." Ele acha que o esforço de arrecadação do Tesouro vai funcionar, embora lamenta que, por força da crise, o governo "maculou" o ajuste fiscal com uma CPMF permanente.

Maílson e Loyola apostam que o PIB irá recuar 1,5% em 99, com queda mais acentuada no primeiro semestre. As taxas de juros deverão cair progressivamente até dezembro, quando baterá em 18%.